

Revista
língua Portuguesa, ano II, nº 22
Agosto 2007

Peraltices com Pinóquio

VERSÕES DA HISTÓRIA DO BONECO MAIS FAMOSO DA LITERATURA ITALIANA
RESGATAM ELEMENTOS DETURPADOS NA ADAPTAÇÃO DA DISNEY

POR GABRIEL PERISSÉ

Uma das obras mais populares da literatura universal, *As Aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi (pseudônimo do jornalista Carlo Lorenzini), surgiu primeiramente na forma de capítulos, no *Il giornale per i bambini*, periódico dedicado a crianças, entre julho de 1881 e janeiro de 1883, sob o título *Storia di un burattino* ("História de uma marionete"). No próprio ano de 1883, Collodi publicou os trinta e seis episódios em livro, com ilustrações de Enrico Mazzanti, até hoje reproduzidas em novas edições.

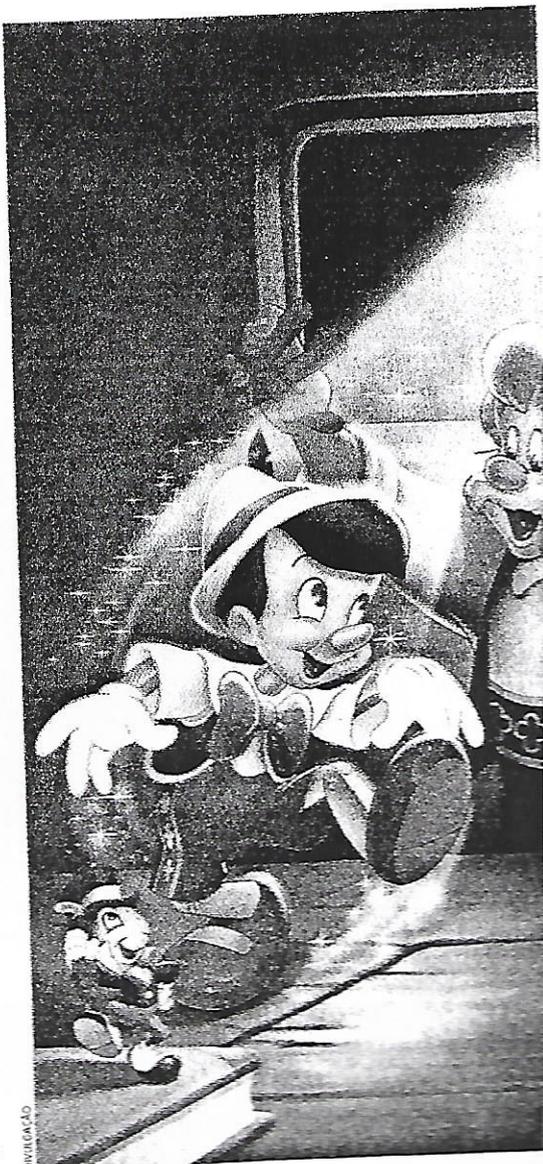
Passaram-se mais de cem anos. A história ultrapassou os limites da Itália. Foi traduzida em praticamente todos os idiomas (até para o latim) e recontada em inúmeras adaptações. A mais famosa é a versão cinematográfica de Walt Disney (1940), na qual vários elementos foram reinterpretados, para não dizer... deturpados. O Pinóquio de Disney é ingênuo e bobinho, ao passo que o de Collodi é muitas vezes

cruel; no filme, o Grilo-falante participa das peripécias do boneco de madeira e exerce o papel de narrador, mas no texto de Collodi é assassinado pelo próprio Pinóquio; o monstro marinho que engole Pinóquio e Gepeto na versão de Disney é uma baleia, substituindo o Tubarão (*Pescicane*) da história original.

Além das diversas adaptações para o teatro, TV e cinema da história de Pinóquio, multiplicaram-se também as versões e simplificações literárias; sem falar no uso em charges

O êxito do livro em outras línguas teve início no Reino Unido, em 1891, um ano após a morte de Collodi. Em 1902, surgiu a tradução francesa. Em 1904, os norte-americanos fizeram sua própria versão em inglês. Em 1905, Pinóquio começou a "falar" em alemão. E a partir de 1911, as aventuras do boneco de madeira surgiram em diversos países da Ásia, da África e da Oceania.

As traduções e adaptações de Pinóquio elaboradas em Portugal no começo do século 20 eram lidas no Brasil, mas em breve (em 1933), uma vez mais pelas mãos do pioneiro Monteiro Lobato, tivemos uma tradução nossa. Em 1929, Lobato já criara a história "O



irmão de Pinóquio”, inserida em *Reinações de Narizinho*. O irmão brasileiro do boneco italiano, feio mas com alma heróica, é o João Faz-de-conta.

Seguiram-se os trabalhos de Guimarães de Almeida (1946), de Raul de Polillo (1947) e do Padre Leopoldo Brentano, que aportuguesou o nome do protagonista para *Zé Pinbo*, numa edição publicada em Porto Alegre, sem indicação de data. Carlos Heitor Cony também procurou inovar o título na adaptação que escreveu pela Ediouro em 1978: *Pinóquio da Silva*.

Hoje, no mundo inteiro, todos se sentem “donos” de Pinóquio. Além das diversas adaptações para o teatro, TV e cinema (houve até um filme norte-americano

intitulado *As aventuras eróticas de Pinóquio*, na década de 1970), multiplicaram-se também as versões e simplificações literárias. Sem falar no uso da imagem do Pinóquio em charges políticas, na expressão psicanalítica “síndrome de Pinóquio” para designar a pseudolalia (compulsão para mentir) e, o que parece inacreditável, em instituições de ensino que se sentem identificadas com o personagem, como a “Escola Pinóquio” que há no Maranhão e outra, de mesmo nome, em Minas Gerais.

Entre as edições brasileiras mais recentes de *As Aventuras de Pinóquio*, destaca-se a tradução de Marina Colasanti (Companhia das Letrinhas, 2002). Também em 2002, a Editora Iluminuras pu-

blicou bela edição, com tradução e ilustrações de Gabriella Rinaldi. Com o selo da L&PM, veio à luz em 2005 o trabalho de Carolina Cimenti. E, em 2006, a tradução assinada por Eugênio Amado, pela Villa Rica Editora. Cotejar essas versões é entrever o eterno conflito entre a fidelidade criativa e o risco da traição que há em todo trabalho de tradução.

Certamente, um ou outro tradutor, mesmo entre os melhores, já sentiu seu nariz crescer alguns centímetros, mas nunca se trata de mentira pura e simples. Traduzir não se opõe a interpretar. A literalidade, afinal de contas, é desejo que nenhuma Fada saberá atender. ♦

Gabriel Perissé é professor do Programa de Mestrado em Educação da Uninove (SP). www.perisse.com.br

O TRABALHO DE GEPETO

Carlo Collodi

Appena entrato in casa, Gepetto prese subito gli arnesi e si pose a intagliare e a fabbricare il suo burattino. — Che nome gli metterò? — disse tra sé e sé. — Lo voglio chiamar Pinocchio. Questo nome gli porterà fortuna. Ho conosciuto una famiglia intera di Pinocchi. Pinocchio il padre, Pinocchia la madre e Pinocchi i ragazzi, e tutti se la passavano bene. Il più ricco di loro chiedeva l'elemosina. (Capitolo 3)

MARINA COLASANTI

Assim que entrou em casa, Gepeto pegou as ferramentas e começou a entalhar e a fabricar sua marionete.

— Que nome vou lhe dar? — disse de si para si. — Quero chamá-lo Pinocchio. Esse nome vai lhe dar sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios, Pinóquio o pai, Pinóquia a mãe, Pinóquios os filhos, e todos viviam bem. O mais rico deles pedia esmola.

GABRIELLA RINALDI

Assim que entrou em casa, Gepeto logo pegou as ferramentas e começou a entalhar e a fabricar o seu boneco.

— Que nome vou dar-lhe? — disse consigo. — Quero chamá-lo de Pinocchio. Esse nome vai trazer-lhe sorte. Conheci uma família de Pinóquios, Pinóquio o pai, Pinóquia a mãe e Pinóquios os meninos. O mais rico deles pedia esmola.

CAROLINA CIMENTI

Logo que chegou em casa, Gepeto pegou as ferramentas e começou a esculpir e a fabricar o seu boneco.

— Que nome lhe darei? — disse para si mesmo. — Vou chamá-lo de Pinóquio. Esse nome lhe trará sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios, Pinóquio, o pai, Pinóquia, a mãe e Pinóquios, as crianças, e todos viviam bem. O mais rico deles pedia esmolas.

EUGÊNIO AMADO

Tão logo entrou em casa, Gepeto pegou as ferramentas de que precisava e se pôs a entalhar e fabricar seu boneco.

— Que nome darei nele? — perguntou para si próprio. — Já sei, vou chamá-lo de Pinóquio. Esse nome vai trazer-lhe sorte. Conheci uma família inteira de Pinóquios, o pai Pinóquio, a mãe Pinóquia e os filhos Pinóquinhos, e todos viviam muito bem. O mais bem-sucedido deles enriqueceu-se pedindo esmola.

Ao traduzir a palavra *burattino*, Marina Colasanti optou por “marionete”, termo mais específico e mais correto do que apenas “boneco”.

Omitiu-se a frase “e tutti se la passavano bene”. Naquela família sortuda, todos viviam financeiramente bem.

O advérbio *subito* indica presteza. Melhor seria traduzi-lo: “Logo que chegou em casa, Gepeto rapidamente pegou as ferramentas...”

Eugênio Amado emprega o diminutivo em “Pinoquinhos”, o que dá maior graça ao texto. E explicita que o mais rico daquela família era mendigo por profissão.

